

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7771924041	
CAPÍTULO 2	8
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.7771924042	
CAPÍTULO 3	19
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7771924043	
CAPÍTULO 4	32
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
DOI 10.22533/at.ed.7771924044	
CAPÍTULO 5	41
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7771924045	
CAPÍTULO 6	51
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
DOI 10.22533/at.ed.7771924046	

CAPÍTULO 7	65
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7771924047	
CAPÍTULO 8	81
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7771924048	
CAPÍTULO 9	95
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
DOI 10.22533/at.ed.7771924049	
CAPÍTULO 10	109
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77719240410	
CAPÍTULO 11	120
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240411	
CAPÍTULO 12	134
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240412	
CAPÍTULO 13	139
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77719240413	

CAPÍTULO 14	143
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
CAPÍTULO 15	154
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
CAPÍTULO 16	163
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLETT/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
CAPÍTULO 17	174
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
CAPÍTULO 18	185
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
CAPÍTULO 19	194
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
CAPÍTULO 20	205
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS

Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco

Pesqueira – PE

Samara Maria de Jesus Veras

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco

Pesqueira – PE

Maria Aparecida de Souza Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco

Pesqueira – PE

Rebeca Cavalcanti Leal

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco

Pesqueira – PE

Cynthia Roberta Dias Torres Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco

Pesqueira – PE

Ana Karine Laranjeira de Sá

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco

Pesqueira – PE

Valdirene Pereira da Silva Carvalho

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco

Pesqueira – PE

medicamentos por idosos de uma Unidade Básica de Saúde da Família sob a perspectiva do cuidado na prevenção de iatrogenias.

Introdução: Os tratamentos medicamentosos têm um papel muito positivo no tratamento e cura de diversas doenças, entretanto, quando são utilizados de maneira incorreta, podem acarretar diversos problemas de saúde. A assistência ao idoso precisa ser disponibilizada por profissionais capacitados, que busquem auxiliá-lo na utilização do medicamento prescrito e na escolha de estratégias, para minimizar as iatrogenias oriundas da utilização incorreta da medicação. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem quantitativa, que teve como população alvo 103 idosos. Trata-se de uma vertente extraída de um TCC que aborda a utilização de medicamentos por idosos de uma unidade de saúde. *Aprovado pelo Comitê de Ética sob Protocolo n.º 45553615.0.0000.5189.*

Resultados: Os resultados demonstram que 81,6% (n=84) dos idosos utilizando diversos medicamentos diariamente. As classes de medicamentos utilizados no cotidiano dos idosos deste estudo são: Anti-hipertensivos(59,2%); Diuréticos(31,1%); Antidiabéticos(18,4%); Anti-Inflamatórios Não Esteroides(12,6%); Ansiolíticos(10,7%); Hipolipemiantes(10,7%); Antidepressivos(8,7%); Analgésicos(6,8%); Antiplaquetários, Broncodilatadores e Corticóides obtiveram a mesma porcentagem

RESUMO: Objetivo: Identificar o uso de

de idosos que referiram utiliza-los(4,9%); Antipsicóticos(1,9%); e Antiarrítmicos(1%). **Conclusão:** Polifarmácia com a utilização de medicamentos para diminuir a pressão sanguínea e hipoglicemiantes por parte dos idosos, inferindo a importância educacional dos profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, no auxílio ao idoso para minimizar possíveis iatrogenias que a polimedicação pode causar.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde do idoso, Condições Socioeconômicas, Atenção Primária à Saúde, Enfermagem.

ABSTRACT: Objective: To identify the use of medications by the elderly of a Basic Family Health Unit from the perspective of care in the prevention of iatrogenies. **Introduction:** Medicinal treatments have a very positive role in the treatment and cure of several diseases, however, when used incorrectly, can cause several health problems. Elderly care needs to be made available by trained professionals who seek to assist in the use of the prescribed medication and in the choice of strategies to minimize the iatrogenies resulting from the incorrect use of the medication. **Method:** This is a descriptive study with a quantitative approach, with a target population of 103 elderly. This is a branch of a CBT that addresses the use of drugs by the elderly in a health unit. Approved by the Ethics Committee under Protocol No. 45553615.0.0000.5189. **Results:** The results demonstrate that 81.6% (n = 84) of the elderly using several drugs daily. The classes of drugs used in the daily routine of the elderly of this study are: Antihypertensive (59.2%); Diuretics (31.1%); Antidiabetics (18.4%); Non-steroidal anti-inflammatory drugs (12.6%); Anxiolytics (10.7%); Lipid-lowering agents (10.7%); Antidepressants (8.7%); Analgesics (6.8%); Antiplatelets, Bronchodilators and Corticosteroids obtained the same percentage of elderly who reported using them (4.9%); Antipsychotics (1.9%); and Antiarrhythmics (1%). **Conclusion:** Polypharmacy with the use of drugs to lower blood pressure and hypoglycemic agents by the elderly, inferring the educational importance of health professionals, especially nurses, in helping the elderly to minimize the possible iatrogenies that the polycation can cause.

KEYWORDS: Elderly Health, Socioeconomic Conditions, Primary Health Care, Nursing.

1 | INTRODUÇÃO

A expectativa de vida no Brasil está aumentando com o passar dos anos: em 2000 era de 68,6 anos, aumentando de maneira expressiva em 2012 para 74,6 anos (IBGE, 2012). Esse envelhecimento populacional proporciona um perfil de morbidade com prevalência de doenças crônicas não transmissíveis, uma crescente utilização de medicamentos e de serviços de saúde (IBGE, 2015).

As terapias medicamentosas têm um papel muito positivo no tratamento e cura de diversas doenças, entretanto, quando são utilizados de maneira incorreta, podem acarretar em riscos à saúde (SILVA et al., 2012). Ademais, o uso errôneo e abusivo de medicamentos tende a elevar o número de hospitalizações por iatrogenias e,

consequentemente, o aumento nos gastos públicos. Estes erros na administração dos medicamentos podem acontecer pela complexidade que os esquemas medicamentosos prescritos apresentam, pela diminuição da memorização e da visão do idoso, bem como pelo alto índice de analfabetismo que pode comprometer a leitura e compreensão dos mesmos (BEZERRA; BRITO; COSTA, 2016).

A assistência ao idoso precisa ser disponibilizada por profissionais da saúde e cuidadores capacitados, que busquem auxiliá-lo na efetivação da prescrição e na escolha de estratégias, para minimizar as iatrogenias oriundas da utilização incorreta dessa medicação (BEZERRA; BRITO; COSTA, 2016). Esses cuidados proferidos precisam reconhecer a possibilidade de independência do idoso e promover um autocuidado no máximo de atividades possível. Nessa perspectiva, o profissional precisa viabilizar a aprendizagem do idoso, disponibilizando o conhecimento a que o mesmo necessita da maneira mais eficaz para promover uma melhor adesão à terapêutica (GOMES; OTHERO, 2016; KREUS, 2017; KREUZ; FRANCO, 2017).

Ao reconhecer a necessidade de mais estudos nacionais sobre a utilização de medicamentos por idosos na prevenção de iatrogenias (MARTINS et al., 2017), esta pesquisa possui o objetivo identificar o uso de medicamentos por idosos de uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) sob a perspectiva do cuidado de enfermagem na prevenção de iatrogenias.

2 | MÉTODOS

O presente estudo é exploratório, descritivo e transversal, com 103 idosos de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) no município de Pesqueira, Pernambuco, Brasil. Para obter a referida amostra, se utilizou as seguintes características como critérios de inclusão na pesquisa: idade igual ou acima de 60 anos; concordância do idoso ou do seu responsável em participar da pesquisa; e assinatura ou impressão digital no termo de consentimento livre e esclarecido. Vale ressaltar que na impossibilidade do idoso para responder aos pesquisadores, os dados foram obtidos através do cuidador principal, que também precisou concordar em participar da pesquisa e assinar ou deixar sua digital no termo de consentimento livre e esclarecido.

A coleta de dados da pesquisa foi ampla e abordou diversos fatores de caracterização do idoso e seus aspectos clínicos, tendo como base o *instrumento Brazil Old Age Schedule (BOAS)*. Entretanto, este estudo extraído de um Trabalho de Conclusão de Curso, abordará especificamente o uso de medicamentos por idosos, por ter se destacado como uma das vertentes mais relevantes. Tais dados foram coletados através da realização de visita domiciliar aos idosos no período de fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016. O instrumento foi preenchido pelos acadêmicos do grupo de extensão do curso de graduação em Enfermagem do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Campus Pesqueira, a equipe foi submetida a treinamento para aplicação do questionário e realização da entrevista.

Os dados obtidos foram analisados de forma descritiva e em seguida foram transcritos, com o processo de dupla digitação, utilizando-se planilhas do aplicativo Microsoft Excel versão 2010. Uma vez corrigidos os erros, os dados foram exportados e analisados no programa *Statistical Package for Social Science* SPSS, versão 18.0. O nível de significância adotado foi de 0,05.

O estudo obedeceu toda a regulamentação referente a estudos envolvendo seres humanos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o Protocolo n.º 45553615.0.0000.5189 (BRASIL, 2013).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

O uso excessivo de medicamentos por idosos merece atenção, exigindo cuidados e organização com a administração e posologia (SILVA; MACEDO, 2013). No Brasil, existe um grande número de idosos que faz uso de diversos medicamentos. Esses são acometidos de disfunções em diferentes órgãos ou sistemas e, conseqüentemente, fazem uso de inúmeros medicamentos (SILVA et al., 2012). Tais dados estão em consonância com a pesquisa aqui realizada, com 81,6% (n=84) dos idosos utilizando diversos medicamentos diariamente.

As doenças crônicas não transmissíveis são referidas como as que mais induzem a polifarmácia no idoso, exigindo o tratamento através de múltiplos medicamentos ao mesmo tempo (SILVA; MACEDO, 2013). Tais dados corroboram com as classes de medicamentos utilizados no cotidiano dos idosos deste estudo, que em ordem decrescente consomem: Anti-hipertensivos (59,2%); Diuréticos (31,1%); Antidiabéticos (18,4%); Anti-Inflamatórios Não Esteroides (12,6); Ansiolíticos (10,7%); Hipolipemiantes (10,7%); Antidepressivos (8,7%); Analgésicos (6,8%); os Antiplaquetários, Broncodilatadores e Corticóides obtiveram a mesma quantidade de idosos que referiram utiliza-los (4,9%); Antipsicóticos (1,9%); e Antiarrítmicos (1%).

Além destes, foram referidas outras classes medicamentosas que obtiveram menos de 1% de idosos consumidores, sendo estes agrupados na categoria 'outros', que contemplou um total de 23,3% das respostas. Vale ressaltar que este resultado pode conter viés, pois as principais medicações utilizadas são para tratar doenças que já estão incluídas rotineiramente no cuidado da unidade de saúde, como hipertensão e diabetes. Os dados citados estão expostos no gráfico 1 a seguir.

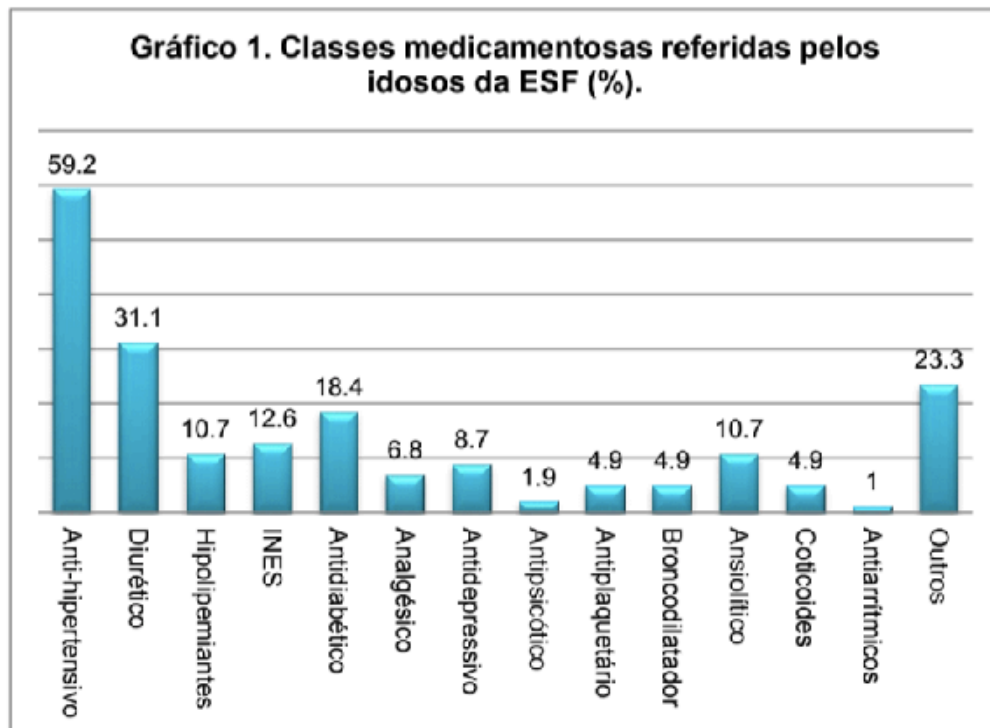


Gráfico 1. Porcentagem de idosos que referiram utilizar tais classes medicamentosas na ESF em Pesqueira Pernambuco.

A polifarmácia, especificamente nas doenças crônicas não transmissíveis, preconiza por ações em nível de gestão e de serviço de saúde, através de capacitação dos profissionais para detectar erros de prescrição e de tomada da medicação através de ações educativas voltadas tanto para as dificuldades do idoso como para o cuidador (CECCHIN et al., 2014).

O profissional precisa conhecer as alterações orgânicas características do envelhecimento, que irão afetar o metabolismo das drogas, assim como a farmacologia das medicações que foram prescritas, a fim de saber possíveis efeitos adversos, interações medicamentosas e todo o contexto socioeconômico e demográfico ao qual o idoso está inserido (SILVA, R.; SCHMIDT, O. F.; SILVA, S., 2012).

Nesta perspectiva, idoso e cuidador precisam estar cientes de sua autonomia e protagonismo no cuidado através da compreensão teórica da prescrição e o uso correto. Essa práxis diária é uma tarefa complexa devido à dificuldade cognitiva e nível de instrução que ambos podem apresentar (KREUZ; FRANCO, 2017).

Os achados preconizam por maior vigilância e apoio ao idoso na utilização destas medicações, pois o mesmo pode não ter compreendido a posologia prescrita ou tomar as medicações conforme as suas próprias concepções, havendo uma maior susceptibilidade ao erro àqueles que fazem o uso de polifarmácia (ARRUDA; LIMA; RENOVATO, 2013).

A enfermagem tem um papel fundamental na atenção aos cuidadores e idosos, dentre elas incluem-se avaliar situações de vulnerabilidade e desenvolver ações junto a eles, contribuindo para diminuição da sobrecarga do cuidador, além de prevenir futuras complicações. Baseadas nas necessidades do grupo estudado, esta pesquisa permite

ainda ampliar o conhecimento científico sobre a temática, auxiliando os serviços de saúde no direcionamento de propostas de intervenções (FUHRMANN et al., 2015).

O cuidado humanizado baseado na integralidade e equidade da pessoa humana implica em ouvir as necessidades e construir, de maneira conjunta, estratégias que sejam adequadas a cada paciente e cuidador. Para tanto, torna-se fundamental o estreitamento do vínculo e da disponibilidade para perguntar e ouvir esses usuários, transformando as dificuldades encontradas em possibilidades de qualificar o cuidado (KREUZ; FRANCO, 2017).

Estratégias são recomendadas para que a assistência farmacológica seja efetiva ao idoso, havendo a necessidade de adequações como: recomendar que o paciente leve todos os medicamentos para que o médico os revise; Reanalisar as contraindicações e interações medicamentosas; Informar e investigar a presença de efeitos adversos; Instruir sobre a importância do tratamento; Questionar sobre o uso do medicamento (frequência, quantidade, horários e motivos); Ensinar a utilização de “lembretes, calendários, recipientes de cores distintas, de fácil manejo e abertura, com etiquetas e letras grandes e claras”; Confirmar a compreensão do paciente através da escuta qualificada; Solicitar auxílio ao familiar ou cuidador; e estimular horários fixos e de fácil memorização como hora do café, antes do almoço, antes de escovar os dentes ou ao jantar (SILVA, R.; SCHMIDT, O. F.; SILVA, S., 2012, p. 173).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O delineamento de pesquisa escolhido proporcionou limitações, por se tratar de um estudo transversal que não permite associar causas aos fatores escolhidos como objetos de estudo. Nesse sentido, não esgota possibilidades, havendo a necessidade do desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática que utilizem outros delineamentos e que possuam mais formas de comprovação das informações referidas.

Obteve-se a partir da presente pesquisa, a confirmação da hipótese que infere o uso da polifarmácia (81,6%) com a utilização de medicamentos para diminuir a pressão sanguínea e hipoglicemiantes por parte dos idosos aqui estudados, inferindo a importância educacional dos profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, no auxílio ao idoso para minimizar as possíveis iatrogenias que a polifarmácia pode causar.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, G. O.; LIMA, S. C. S.; RENOVATO, R. D. **Uso de medicamentos por homens idosos com polifarmácia: representações e práticas.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 21, n. 6, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.3004.2372>> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

BEZERRA, T. A.; BRITO, M. A. A.; COSTA, K. N. F. M. **Caracterização do uso de medicamentos entre idosos atendidos em uma unidade básica de saúde da família.** Cogitare, v.21, n.1, p.1-11, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v21i1.43011>> Acesso em: 25 de outubro de 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acesso em: 08 de janeiro de 2019

CECCHIN, L. et al. **Polimedicação e doenças crônicas apresentadas por idosos de uma instituição de longa permanência.** Revista FisiSenectus, v. 2, n. 1, p. 25-32, 2014. Disponível em:<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/fisisenectus/article/view/2480/1688>> Acesso em: 25 de outubro de 2018.

FUHRMANN, A. C. et al. **Associação entre a capacidade funcional de idosos dependentes e a sobrecarga do cuidador familiar.** Revista Gaúcha de Enfermagem. v.36, n.1, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117452>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

GOMES, A. L. Z.; OTHERO, M. B. **Cuidados paliativos.** São Paulo, SP: Estudos Avançados. 30(88), 155-166, 2016. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v30n88/0103-4014-ea-30-88-0155.pdf>> Acesso em: 07 de agosto de 2017.

IBGE. **Censo demográfico-mortalidade.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira - 2015.** Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>> Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

KREUZ, G. **Autonomia decisória do idoso com câncer. Percepções do idoso, da família e da equipe de saúde.** São Paulo, SP: Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

KREUZ, G.; FRANCO, M. H. P. **Reflexões acerca do envelhecimento, problemáticas, e cuidados com as pessoas idosas.** Revista Kairós – Gerontologia, v.20, n.2, p. 117-33, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i2p117-133>> Acesso em: 07 de agosto de 2017.

MARTINS, N. F. F. et al. **Letramento funcional em saúde e adesão à medicação em idosos: revisão integrativa.** Revista Brasileira de Enfermagem, v.70, n.44, p.904-11, 2017. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0625>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

SILVA, E. A.; MACEDO, L. C. **Polifarmácia em idosos.** Revista Saúde e Pesquisa, v.6, n.3, p.477-486, 2013. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.17765/1983-1870.2013v6n3p%25p>> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

SILVA, A. L. et al. Utilização de medicamentos por idosos brasileiros, de acordo com a faixa etária: um inquérito postal. Cad Saúde Pública. v.28, n.6, p.1033-1045, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2012000600003>> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

SILVA, R.; SCHMIDT, O. F.; SILVA, S. **Polifarmácia em geriatria.** Revista AMRIGS, v.56, n.2, p.164-74, 2012. Disponível em: <<http://www.amrigs.org.br/revista/56-02/revis.pdf>> Acesso em: 24 de outubro de 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.